

Literatura e política na criação imagética da alteridade social: um estudo comparado de *Looking backward* de Edward Bellamy e *Notícias de lugar nenhum* de William Morris

1

Almir Gomes de Jesus

Resumo: O presente artigo objetiva analisar comparativamente os romances oitocentistas *Looking backwards* (1888) de Edward Bellamy e *Notícias de lugar nenhum* (1890) de William Morris com atenção especial para o modo como cada obra constrói a imagem de uma sociedade alternativa através de uma compreensão política de administração da vida coletiva. Por isso, nossas considerações acerca de ambas as obras recobrirão essencialmente a maneira como cada texto institui uma política de controle do corpo social e de ordenamento para as relações interpessoais.

Palavras-Chave: Política, Arranjo social, Alteridade, Utopia.

Abstract: This paper aims at analysing comparatively the nineteenth century novels *Looking backwards* (1888) by Edward Bellamy and *News from nowhere* (1890) by William Morris, with a special attention to the way each work builds the image of a alternative society through a political comprehension of administration of the collective life. Therefore, our considerations on both works will cover essentially the way each text founds a politics of control to the social body and orders the interpersonal relations.

Keywords: Politics, Social arrangement, Alterity, Utopia.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, duas utopias de língua inglesa se singularizam dentre a produção do gênero utópico, principalmente pelo fato de manterem um profícuo debate sobre os modos mais adequados de organização política da vida em comunidade. Tanto Edward Bellamy em território norte-americano quanto William Morris na

1

Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso.



1

Inglaterra produziram textos que apresentam concepções bastante heterogêneas para o melhor arranjo social, duas concepções que são certamente conflitantes, mas que ensejam a discussão ainda atual sobre o agenciamento da vida coletiva. A oposição que *Notícias de lugar nenhum* de Morris estabelece em relação a *Looking backwards* de Bellamy atesta tal divergência, comprovando de maneira contundente que a tecnocracia empreendida pelo escritor estadunidense não poderia ser aceita como modelo de organização coletiva para a obra morrisiana. A divergência suscitada pela leitura da utopia bellaminiana faria com que o escritor inglês buscasse dar corpo a sua própria visão de uma sociedade ideal, o que resultaria na publicação de um texto utópico que desconstrói todas as propostas de organização social presentes em *Looking backwards*. É a partir desta constatação preliminar que desenvolveremos a seguir a análise de ambas as obras, buscando compreender os modos pelos quais elas se diferenciam no que tange à construção do espaço de alteridade.

Implicações do poder e imagens da alteridade em *Notícias de lugar nenhum* e *Looking backward*: construções políticas diferenciais na projeção utópica oitocentista

O funcionamento de uma contra-imagem (cf. Vosskamp, 2009) parece caracterizar sobremaneira o modo como queremos enxergar os textos utópicos aqui estudados. Decorre tal consideração do fato de os entendermos como imagens de comunidades ideais que se contrapõem às realidades estabelecidas, em ambos os casos sociedades capitalistas do século XIX. Assim, um aspecto que nos chama a atenção é o modo como essas obras, ao criarem uma realidade alternativa, desestabilizam a força de naturalização das condições sociais e políticas oitocentistas, introduzindo em seu lugar a ideia de possibilidades para sua



transformação. A mera consciência adquirida pela leitura das obras de que há outras maneiras de organização comunitária faz com que os textos sejam percebidos como contrastivos à ordem dominante. Porém, a maneira como cada um estabelece as bases políticas de sua sociedade ideal difere consideravelmente e é isso o que nos motiva a cotejá-los. Na verdade, são textos que se baseiam em compreensões políticas e filosóficas bastante distintas, cujos reflexos se sentem no modo como erigem seus sistemas de organização coletiva.

Edward Bellamy publica *Looking backward* em 1888, alcançando grande sucesso comercial e provocando o surgimento de um número considerável de seguidores, ao mesmo tempo em que desencadeia o aparecimento de respostas calorosas de seus detratores. Contudo, o grande efeito da publicação deste romance é sentido dentro do próprio gênero utópico. Sua visão de uma sociedade futura, na qual imperam maior igualdade social e econômica do que nos Estados Unidos nos oitocentos, é resultado de motivações socialistas, que, presente nos textos do gênero naquele século, conformam-se diferentemente em sua relação com a história e com o conceito de desenvolvimento. Nesse sentido, Bellamy representa uma posição mais autoritária, construída ao redor de uma governabilidade centralizada nas mãos do Estado, para a qual haverá resistência e contraposição, gerando dentro do gênero modelos altamente antagônicos de projeção dos ideais de equidade no futuro. No romance bellamiano, que se passa no ano 2000, o narrador-personagem Julian West reconta sua experiência de cidadão do século XIX que chegando a um novo período histórico, por haver dormido mais de cento e treze anos em virtude de uma hipnose, busca entender as mudanças ocorridas na cidade de Boston. A família que lhe servirá de anfitriã e guia fornecerá as informações necessárias para que ele compreenda todas as



transformações ocorridas no curso de tempo em que esteve dormindo. Assim, as personagens Dr. Leete, Mrs. Leete e Edith Leete serão fundamentais para o estabelecimento do contraste entre a época de West e a deles, sendo especialmente significativas as conversas entre o chefe da família e o hóspede. Será, na verdade, Dr. Leete o responsável por fazer a contextualização histórica das transformações operadas nas condições de vida dos bostonianos, relatando à West, cuja descoberta no mausoléu e primeiros cuidados foram incumbimentos seus, todos os detalhes da forma de viver e se relacionar socialmente naquela nova realidade.

Um fato interessante sobre a obra é a existência de um jogo, já no início do texto e bastante recorrente e significativo para o gênero utópico, sobre a autoria. No prefácio, que é denominado prefácio do autor (*Author's Preface*), o narrador diz que falará sobre os contrastes entre o antigo e o novo regime político-social, tendo como objetivo “to assist persons who, while desiring to gain a more definite idea of the social contrasts between the nineteenth and twentieth centuries, are daunted by the formal aspect of the histories which treat the subject”² (BELLAMY, 1996, p. 06). Em face desta tarefa, escolhe a prosa como maneira preferencial de veiculação do conteúdo. No entanto, para cumprir com o objetivo proposto a história escolhida será a de sua própria vida, já que assumira na sociedade futura o papel de professor. Desta forma, quando o narrador se propõe a falar de si e em primeira pessoa, assumindo também a autoria do texto, está aí instituída uma estratégia narrativa fundamental para os textos utópicos, que não é a de afirmar a factibilidade daquele

2

“auxiliar as pessoas que, desejando obter uma ideia mais definida dos contrastes sociais entre os séculos XIX e XX, são desencorajadas pelo aspecto formal das histórias que tratam do assunto”. (Tradução Nossa)



sistema ou a veracidade da história, mas insistir sobre a condição de possibilidade da existência de maneiras outras para o arranjo social. O relato, calcado na forma de apresentação de uma experiência em primeira pessoa, é altamente valorizado como forma de expressão e a apropriação deste recurso pela utopia não se baseia na credibilidade do relato como veículo da verdade, mas sim no grande apelo que ele exerce aos ouvidos e à imaginação dos leitores. Não se trata, deste modo, de uma imposição sobre a mudança das relações humanas, porém apenas de um jogo entre o real e o ficcional que se dá pela apresentação de uma possibilidade imaginária, que em si mesma é anti-pragmática e anti-factual, e que funciona somente como sugestão de um possível.

Quando a personagem West principia a narração, o esboço da cidade de Boston em 1887 é desenhado pela constante referência ao presente do narrador, o ano 2000, enfatizando sempre a crença no poder redentor da evolução histórica, que se efetiva pela evolução do sistema capitalista de produção. Assim, vemos como o narrador articula essa ideia:

(...) in the latter part of the nineteenth century the civilization of to-day, or anything like it, did not exist, although the elements which were to develop it were already in ferment. Nothing had, however, occurred to modify the immemorial division of society into the four classes, or nations, as they may be more fitly called, since the differences between them were far greater than those between any nations nowadays, of the rich and the poor, the
3
educated and the ignorant (BELLAMY, 1996, p. 06).

3

“na última parte do século XIX a civilização de hoje, ou qualquer coisa a ela assemelhada, não existia, embora os elementos que estavam por desenvolvê-la já



A estratificação social a que West se refere é um fato que ele acredita ser especialmente surpreendente para a consciência contemporânea e para tentar explicá-la utiliza-se de uma metáfora incisiva: homens acorrentados, e presos a uma corda, que conduzem uma carruagem ocupada confortavelmente por outros homens. Aqueles que fazem o esforço para puxar a carruagem pertencem às classes trabalhadoras, a dos oprimidos, e aqueles em seu topo constituem a classe dos afortunados capitalistas, a dos opressores. O tratamento dado aos que estão atrelados à corda é descrito como inumano e injusto, enquanto os do topo vivem confortável e prodigiosamente, ameaçados apenas pelo fim de suas reservas monetárias, o que os colocaria impiedosamente na mesma situação vivenciada pelos outros. Para evitar a decadência, os opressores não se resignam a cometer qualquer tipo de atrocidade e supõem estar apenas obedecendo a uma regra geral de que não havia outra alternativa a não ser respeitar as relações de força e poder que estavam estabelecidas. Quanto a isso, o narrador afirma que

it was firmly and sincerely believed that there was no other way in which Society could get along, except the many pulled at the rope and the few rode, and not only this, but that no very radical improvement even was possible, either in the harness, the coach, the roadway, or the distribution of the toil. It had always been as it was, and it always would be so. It was a pity, but it could not be helped, and

estivessem latentes. Nada tinha, contudo, ocorrido para modificar a imemorial divisão da sociedade em quatro classes, ou nações, como podem ser mais apropriadamente chamadas, tendo em vista que as diferenças entre elas eram muito maiores que aquelas existentes entre quaisquer nações hoje em dia, das ricas e das pobres, das educadas e das ignorantes”. (Tradução Nossa)



philosophy forbade wasting compassion on what was beyond remedy⁴ (Idem, p. 08).

Um princípio sanguinário, que regimenta a petrificação das condições socioeconômicas e dispensa a compaixão pela exclusão da esperança. Porém, a alteração deste panorama será percebida tão logo West chegue ao outro século. Sendo apresentado à nova Boston, ele imediatamente será informado sobre a ascensão de uma configuração social diferente. O capital, todavia, ainda estará no centro da organização comunitária, desempenhando papel decisivo na forma em que se dão as interações coletivas e pessoais. À dessemelhança do antigo sistema econômico, o poder Estatal é que controla todos os aspectos da vida em sociedade, interferindo até mesmo na distribuição do poder de compra. Por outro lado, as indústrias e o comércio também passaram para o domínio governamental, já que sua extinção não era benéfica às necessidades humanas. Em correlação aos outros fatores, a educação e a distribuição das funções trabalhistas são obrigações inerentes a sustentação do governo, cujas responsabilidades são a de fornecer formação integral a todos os cidadãos até os vinte e um anos de idade, seguidos de mais três anos de profissionalização, que culminam no enquadramento em uma função que seja mais adequada à aptidão e talento individuais. Contudo, mesmo com a uniformidade dos salários,

4

“era uma crença firme e sincera de que não havia outra maneira pela qual a Sociedade pudesse constituir suas relações interpessoais, a não ser que muitos puxassem pela corda e poucos conduzissem, e não somente isso, mas que nenhuma melhoria muito radical fosse mesmo possível, seja nos arreios, na carruagem, na estrada ou na distribuição do trabalho. Sempre fora desse modo e assim permaneceria. Era lamentável, mas não havia solução e a filosofia proibia se gastar compaixão com algo sem remédio”. (Tradução Nossa)



todos os trabalhadores necessitam ser enquadrados numa categoria superior ou inferior dentro de sua profissão, sendo empregados incentivos emocionais para a progressão de uma classe à outra, tendo em vista não ser mais lógico a utilização de meios monetários. Como é notório, tanto a administração dos recursos financeiros quanto a dos trabalhistas concentra-se no poder do Estado, sendo ele, portanto, o controlador geral de todas as atividades humanas. Mas não somente isso, é um sistema extremamente burocratizado que se constituiu a partir da extinção da iniciativa privada e a conseqüente transposição de todos os poderes para o domínio público.

Sendo o capital e as relações monetárias ainda as dominantes, o papel político do governo é o de os manter em bom funcionamento, sem que distúrbios possam importunar-lhes. A formação educacional dos indivíduos é tida como um fator extremamente útil para que o equilíbrio político seja mantido. Todavia, percebe-se claramente a interferência do Estado em todos os setores da atividade humana, restringindo-lhe uma possível liberdade adquirida pela instrução intelectual e aplicando-lhe uma rígida lei de conduta que possa assegurar a manutenção da ordem imposta. Como sua maior incumbência, o Estado tem o dever de promover a contínua eficácia do sistema de produção industrial, bem como o controle e a vigilância de todos os aspectos da vida em sociedade, já que tudo está a ele ligado. Como se vê, a concepção de uma sociedade extremamente vigiada e que preze pela eficiência do sistema de produção é o fundamento que rege a obra de Bellamy. Em sua visão de um governo futuro, há setores estatais específicos que cumprem a realização dessa premissa, como vemos nesta fala da personagem Dr. Leete:

the inspectorate, a highly important department of our



system; to the inspectorate come all complaints or information as to defects in goods, insolence or inefficiency of officials, or dereliction of any sort in the public service. The inspectorate, however, does not wait for complaints. Not only is it on the alert to catch and sift every rumor of a fault in the service, but it is its business, by systematic and constant oversight and inspection of every branch of the army, to find out what is going wrong before anybody else

⁵
does (BELLAMY. 1986, 66).

As subdivisões de função inerentes ao controle estatal funcionam igualmente para a segurança e manutenção do poder, cuja máxima diretriz é a de que o trabalho de todos garante a felicidade social. Nesse sentido, o Estado tem como um de seus principais deveres “the control and discipline of the industrial army”⁶, bem como “the enforcement of the laws as to all classes”⁷ (Idem). É perceptível que a rigidez do controle social desempenhado pelo governo é largamente extensiva e que a fórmula encontrada por Bellamy para contrapor-se à sociedade americana oitocentista baseia-se no alargamento das funções do Estado sobre a vida

⁵
“a inspetoria, um departamento altamente importante de nosso sistema; à inspetoria vêm todas as reclamações ou informações quanto a defeitos nos produtos, insolência ou ineficiência dos oficiais ou desrespeito de qualquer espécie no serviço público. A inspetoria, contudo, não espera pelas reclamações. Nem somente fica em alerta para receber e examinar rumores sobre falhas no serviço, mas é sua incumbência, por constante e sistemática vigia e inspeção de cada setor do exército, detectar o que vai mal antes de todos”. (Tradução Nossa)

⁶
“o controle e disciplina do exército industrial”. (T. N.)

⁷
“a aplicação das leis para todas as classes”. (T. N.)



individual. Requer pensar-se conjuntamente a isso o fato de que a representatividade governamental, eleita democraticamente, é exequível nesta estrutura política somente como mantenedora da ordem estabelecida. Sobrepõe-se a todo este cenário uma ideia interessante e reveladora da posição filosófica e ideológica a que se vincula o romance, que é o estabelecimento de um ideal de evolução do sistema de produção capitalista que mesmo dando maior equidade entre as pessoas ainda as deixa relegadas às contingências do capital. O poder do Estado e sua função política seriam apenas os de estabelecer igualdade nos valores salariais e na interação coletiva, já que os modos de consumo e de se dispender do dinheiro se encontram reificados. Seria de se supor que a utopia de Bellamy presa pelo aperfeiçoamento dos modos de produção capitalista, tornando-o um sistema com maior poder de concentração da mais-valia nas mãos do Estado e equilibrando as relações de consumo pelo equiparado do poder de compra. Por este panorama, que confirma-se durante todo o processo de contato de Julian West com a futura sociedade de Boston, dá-se a ver os ideais técnicos e industriais que subsidiam a construção de uma sociedade harmônica e feliz e que será para Bellamy o ideal de evolução do capital privado. Toda a obra estará marcada por estes princípios e não é sem sentido que insistentemente se utilizará a analogia entre a organização da nova sociedade e o arranjo militar, o qual lhe oferece as diretrizes de ordem a partir do controle rígido do corpo e da ação.

Se tomarmos em comparação a estes ideais aqueles do romance de William Morris, perceberemos diferenças marcantes. Publicado em 1890, Notícias de lugar nenhum é considerado por muitos críticos como uma veemente réplica à obra do norte-americano, tanto que Morris escreve sobre ela, em 1889, um fervoroso artigo para a revista socialista



The Commonweal. Na estrutura básica de seu enredo, o romance é um relato de experiências da personagem-narradora William Guest, um londrino do século XIX que após uma reunião noturna numa Liga Socialista se encontra, na manhã seguinte, transportado oniricamente para o ano de 2102. Nesta nova época, encontrará nas personagens Dick e seu bisavô Hammond as figuras principais que lhe apresentarão uma Londres completamente transmutada, desde a arquitetura até os costumes sociais. No entanto, o que mais chama a atenção do visitante William Guest é a maneira como se dá a sua organização política. Do mesmo modo que para Bellamy era evidente que a forma de governar é que sustentaria o novo modo de vida, para Morris a atitude política frente ao desafio de concepção de uma realidade alternativa é a tarefa mais importante. Nesse sentido, na utopia morrisiana o privilégio será dado a completa negação de um poder instituído e a noção de governar não caberá dentro do projeto de uma comunidade feliz. Se o capital e o sistema de produção industrial eram requisitos indispensáveis para a visão bellamiana de um futuro aurífero, no romance de Morris eles serão rejeitados e não desempenharão nenhuma função, sequer existindo. Não sendo estratificada em nenhum nível, a educação e o trabalho são concebidos como processos que devem adaptar-se às necessidades e aptidões individuais, para tanto, cada cidadão deve instruir-se na profissão que melhor se enquadre a seus desejos e habilidades, sendo esta, portanto, o tipo de formação educacional incentivada para os jovens. O trabalho, que é coletivo e dirigido para a coletividade, é essencialmente manual e a especialização numa atividade ou o aperfeiçoamento em um campo do saber corolários unicamente do desejo pessoal. A não existência de escolas ou de qualquer sistema institucionalizado de ensino é fundamental para garantir a liberdade do sujeito, já que assim ele



poderá desenvolver livremente suas inclinações pessoais em direção a uma atividade prática. Este princípio favorece a busca da felicidade e a harmonia social, do mesmo modo como possibilita a cada um poder contribuir para a satisfação das necessidades coletivas de uma maneira que o satisfaça igualmente. Não existindo dinheiro, tudo o que se faz é em função exclusiva do suporte da comunidade e de seu bem-estar, para o qual nenhuma forma de governo poderia garantir maior segurança.

É esclarecedor observarmos que tanto o governo quanto a política são tratados como dispensáveis para a vida comunitária. Desta forma, na conversa de Guest com Hammond são discutidas algumas questões de total importância para a formação e manutenção daquela nova sociedade. A passagem a seguir é instrutiva a esse respeito:

'Que tipo de governo é o seu? O republicano finalmente triunfou? Ou vocês chegaram à simples ditadura, que alguns no século XIX profetizavam ser o resultado último da democracia? Esta última pergunta parece razoável, pois vocês transformaram o Parlamento em mercado de esterco. Ou onde vocês instalaram o seu Parlamento atual?' (...) 'Bem, esterco não é a pior forma de corrupção; dele vem a fertilidade, ao passo que apenas a penúria resultou da outra espécie, cujos maiores praticantes aquelas paredes abrigavam. Ora, caro amigo, vou lhe dizer que nosso parlamento atual dificilmente poderia se reunir num único lugar, porque todo o povo é o nosso parlamento' (MORRIS, 2002, p. 121).

Chegada a uma nova era das relações interpessoais, o consenso substitui a legislatura de um governo instituído. Assim, é por meio do mútuo entendimento que as questões concernentes ao bem comum são resolvidas, do mesmo modo que para tal compreensão recíproca é utilizada uma lógica muito simples, a de que para haver a felicidade de



todos deve haver necessariamente um acordo coletivo. Contra essa ordem não há oposição, pois ela significaria a não consecução da própria felicidade.

Em estreita consonância com a extinção de um governo instituído, a política, no sentido como era praticada no século XIX, também não mais existe. É desnecessária pelo simples motivo de que não mais se concebe uma sociedade regida por uma ordem que não seja a de um povo conscientizado sobre as bases de seu bem-estar e que conjuntamente toma as decisões sobre os rumos de suas vidas. Em continuidade a sua conversa, Guest e Hammond dizem o seguinte:

Eu perguntei: 'Como vocês praticam a política?' Hammond respondeu sorrindo: 'Estou feliz por você ter feito a *mim* essa pergunta. Estou quase certo de que qualquer outro lhe teria pedido para se explicar, ou tentar se explicar, até você é você cansar de perguntar. De fato, acredito que seja o único homem na Inglaterra a entender o que você quer saber, e como sei minha resposta será breve: estamos muito bem no que se refere à política – porque não temos política (Idem, p. 137).

A negação que Hammond dá à pergunta de Guest torna-se uma afirmação conclusiva sobre a dispensabilidade da política para a organização de uma sociedade feliz. Nesse sentido, a população é quem comanda inteiramente e define a vida pública, para a qual a liberdade individual é especialmente cara.

O que parece ter dado passagem a este modelo de sociedade no qual estão excluídos governo e política foi a eliminação do capital e das relações de produção industrial e de consumo. A base de toda a estrutura social concentra-se nessa premissa, pois o capital era entendido como o grande causador de todos os males sociais. Estes problemas, por outro



lado, foram trazidos para dentro da convivência comunitária como produto artificial da produção e consumo de bens dispensáveis, e a atitude em face disso foi a propositura de uma outra ordem política. A explicação para a leviandade dos antigos problemas pode ser percebida nesta fala da personagem Hammond:

Do que ouvimos e lemos fica claro que na última era da civilização os homens caíram num círculo vicioso na questão da produção de bens. Haviam chegado a uma maravilhosa facilidade de produção e, para aproveitar ao máximo aquela facilidade, eles criaram (ou deixaram crescer) um elaborado sistema de compra e venda chamado Mercado Mundial; esse Mercado, uma vez ativo, forçou-os, precisando ou não, a produzir quantidades cada vez maiores de bens. De forma que, apesar de (evidentemente) já não poderem mais se libertar da tarefa de produzir as necessidades reais, criaram uma série sem fim de necessidades falsas ou artificiais, que se tornaram, sob a lei de ferro do já mencionado Mercado Mundial, tão importantes para eles quanto as necessidades reais de manutenção da vida. Por tudo isso, eles se sobrecarregaram com uma massa prodigiosa de trabalho apenas para manter operando o perverso sistema (MORRIS, 2002, p. 151).

Aqui está uma diferença substancial para com a obra de Bellamy, evidente principalmente pela inexistência do capital como mediador entre produto e sujeito ou como sustentáculo da sociedade. Mas além disso, são duas concepções amplamente diferenciadas dos conceitos de história e tempo que definem as dessemelhanças no modo de articulação de uma imagem política e governamental de uma comunidade ideal para cada autor. Krishan Kumar (1990, p. 137-38) argumenta que por Bellamy se basear na noção de evolução, e não de revolução como fora para a



ascensão da nova forma de vida nas *Notícias de lugar nenhum* de Morris, sua obra apresenta a concepção de história como um processo natural e pacífico, que permite a evolução do capital especulativo dos grandes proprietários privados para o monopólio exclusivo do Estado. Em contrapartida,

Morris's utopia is unique in placing a bloody revolution at the centre of its account of 'how the change came'. (...) The new society, Morris insists, does not and cannot evolve painlessly out of the old. There has to be a wrenching and a disruption, a distinct break with the past. (...) The new society does not recklessly demolish everything from the past – capitalism is, as Marx insists, the necessary prerequisite for socialism – but it wages war against the
8
whole intent and ideology of past society (Idem, p. 138).

Fátima Vieira (2002) nos ajuda a pensar sobre as maneiras distintas de Bellamy e Morris estabelecerem suas utopias ao nos oferecer a compreensão de que cada escritor é influenciado por percepções intrínsecas aos seus países sobre o conceito de história e consequentemente sobre o de política. Para o primeiro, Vieira afirma que foram extremamente influentes o processo de independência dos Estados Unidos e os ideais religiosos disseminados pelos puritanos, que tinham a

8

“a utopia de Morris é única ao estabelecer uma revolução sangrenta no centro de sua explicação de 'como se deu a mudança'. (...) A nova sociedade, Morris insiste, não pode e não evolui incólume a partir do velho. Tem que haver uma violenta ruptura, uma fratura nítida com o passado. (...) A nova sociedade não destrói imprudentemente tudo do passado – o capitalismo é, como Marx insiste, o prerequisite necessário para o socialismo – mas lança guerra contra toda ideologia e intenção da sociedade passada”. (T. N.)



nação como a 'Nova Terra Prometida', cujo progresso seria lógico e incontornável. Uma complexa imagem formada em relação ao país que o tornava o lugar escolhido por Deus para o desenvolvimento, já que desde seu início a nação seguia um caminho de progresso e melhorias imparáveis. Assim, no romance de Bellamy são facilmente detectadas tais crenças, especialmente no

processo de industrialização como forma de consolidação de um sistema econômico que proporcione um bom nível de vida a todos os americanos; a relação patrão/assalariado, que no texto de Bellamy é mantida pelo vínculo de todos os trabalhadores a um só empregador – o Estado; o incentivo ao consumo pela produção de bens que não são considerados essenciais; a manutenção da ideia de uma contrapartida econômica pelo zelo demonstrado no trabalho (VIEIRA, 2002, p. 140).

No caso do escritor inglês, podemos observar uma estreita ligação com o pensamento marxista. A teoria da história desenvolvida nos escritos filosóficos de Marx e Engels é fundamental para que Morris crie sua visão de uma sociedade futura. Tal teoria se baseia no entendimento da história como um processo de estágios sucessivos e subsequentes que progridem de um estado do desenvolvimento da humanidade ao seguinte de maneira consequente e inevitável. Vieira (2010, p. 13) articula as noções gerais desse pensamento como segue:

Based on the idea that as the capitalist modes of production caused the feudal world to disintegrate, so would industrial competition cause the destruction of the capitalist system, Marx and Engels believed that the improvement of machinery – an imperative dictated by the laws of competition – would lead to cyclical situations of a surplus of production, and eventually to the collapse of capitalist



society. History itself would cause the destruction of capitalism (theory of historical materialism) but men would necessarily have to help in order to speed up this process (theory of dialectical materialism). After a period of revolution, the state would temporarily be the only owner of all the means of production (dictatorship of the proletariat). There would be no more class division, as the state itself would be revealed as dispensable. New, ethical men and women would be born and would fully assert their
9
humanity.

A conformidade das ideias marxistas e os acontecimentos apresentados no romance morrisiano como explicação para a mudança é marcante. A revolução, sendo o meio principal para acelerar a chegada a uma nova etapa do desenvolvimento histórico, é tomada como um mal necessário e obrigatório para a melhora das condições de vida de todos os cidadãos. É oportuno lembrarmos que na utopia do escritor inglês o Estado não existe, sendo substituído pelo arranjo final de pessoas que livremente entram em acordo sobre o melhor para toda a comunidade. A

9

“Baseados na ideia de que assim como os modos capitalistas de produção causaram a desintegração do mundo feudal a competição industrial iria causar a destruição do sistema capitalista, Marx e Engels acreditavam que o aperfeiçoamento do maquinário – um imperativo ditado pelas leis da competição – levaria a situações cíclicas de superavit de produção, e eventualmente ao colapso da sociedade capitalista. A própria história causaria a destruição do capitalismo (teoria do materialismo histórico), mas os homens necessariamente teriam que ajudar a acelerar este processo (teoria do materialismo dialético). Depois de um período de revolução, o estado seria temporariamente o único dono de todos os meios de produção (ditadura do proletariado). Não haveria mais divisão de classe, já que o próprio estado seria revelado como dispensável. Novos homens e mulheres éticos nasceriam e reivindicariam integralmente sua humanidade”.

(T. N.)



igualdade preponderante entre todos resulta de não haver nem divisões sociais e nem políticas, já que o governo é o próprio povo. A não estratificação surge como consequência imediata do processo histórico que transforma a atitude humana diante do mundo.

A confiança no desenvolvimento, elemento que atravessa diferentemente as duas utopias, é um traço importante para a composição da imagem futura em Morris, especialmente no período revolucionário de transição: “houve entre as pessoas um instinto geral que fazia prever o essencial desse estilo de vida, e muitos homens viram claramente para além da luta desesperada daquela época a paz que viria a resultar dela” (MORRIS, 2002, p. 189). Era uma confiança na figura humana, muito além de um sistema de produção aperfeiçoado, que permitiu a construção de uma comunidade integrada e na qual a extinção de qualquer vestígio do capital se fez necessária para a sua instauração.

Mas, para além de todas as diferenças que possam haver entre os dois romances, tanto Bellamy quanto Morris assumiram uma posição política bastante determinada no século XIX. A contraposição que sustentaram contra o *status quo* tinha em seu cerne uma motivação humanística que sustentava a necessidade de se considerar o ser humano na plenitude de seus direitos, levando uma vida digna e em iguais condições com seus semelhantes. Porém, a forma como os escritores trabalham com este impulso inicial os leva para caminhos diferentes e as visões que criam de um futuro de felicidade estão estabelecidas sob posições político-filosóficas divergentes.

Nas explícitas semelhanças e dissimilaridades que distinguimos a partir do estudo comparado dos romances *Looking backward* e *Notícias de lugar nenhum*, o que nos chama a atenção é a articulação imagética da alteridade. Embora hajam especificidades contundentes que façam diferir



uma obra da outra, o efeito preponderante que resulta do agenciamento da figura do outro, como produto da diferença, é o de colocar o leitor em confronto com suas próprias bases de conhecimento, assim favorecendo, pela diferença, a desestabilização da realidade na qual ele se encontra inserido. Por seu valor como ferramenta crítica que proporciona a séria consideração do diferente, a literatura comparada nos auxilia a pensar sobre os romances aqui analisados a medida que sua postura de ação política nos possibilita problematizar a alteridade “do texto literário às demais séries culturais, valorizando assim o modo (subjetivo) de conhecimento da realidade que provém da literatura, onde se manifestam as dimensões do desejo (potencialidade subjetiva), em nível não apenas individual, mas também das aspirações dos grupos sociais (ABDALA-JUNIOR, 2012, 40-1). Parece evidente tomarmos o trabalho simbólico da utopia com a diferença como um de seus elementos estruturantes, sendo o confronto entre dois planos de realidade, real e ficcional, produto de uma atitude política de projeção literária desiderativa para a constituição de uma nova ordem social. As imagens formadas a partir deste impulso são realizações no plano simbólico dos desejos de mudança constantes na consciência do escritor e que por estabelecerem um contraponto à realidade tornam-na mais inteligível ao leitor, proporcionando o tipo de conhecimento do real intrínseco à literatura.

Na trajetória de William Guest por Londres, que se inicia no século XIX e termina após a personagem ter percorrido todo o antigo território citadino no ano de 2102 e acordado novamente como habitante da Inglaterra vitoriana, o contraste aparece como estratégia ficcional privilegiada, pois será através dela que a situação de injustiça social na Inglaterra oitocentista se revelará com maior vigor. Isto aponta obviamente, da mesma maneira que a assertiva é verídica para o romance



de Bellamy, para a carga de sentido político existente na projeção de um desiderato utópico no futuro, criando imagens altamente contrastantes com as instituições político-sociais dominantes. O estudo de tais visões contrastivas, assim como a apropriação de um instrumental crítico que preze pela visão da diferença, como nos ensina Edward Said, permite entendermos os modos como a literatura articula-se à vida, moldando-a e oferecendo-lhe possibilidades infinitas. Estas possibilidades, por sua vez, são a própria base da utopia, para a qual a alteridade é condição para a ação política artisticamente trabalhada.

Considerações finais

Não nos é difícil perceber que os romances *Looking backward* e *Notícias de lugar nenhum* se utilizam de concepções políticas bastante diferenciadas para construir suas ideais realidades futuras. Se para Bellamy a evolução e aperfeiçoamento da indústria e do consumo, para evitarem desperdícios, são os fatores essenciais, juntamente com a distribuição igualitária de renda, para garantir a esperança numa sociedade harmônica, isto é fruto de sua ligação à ideais particularmente caros a uma ideologia nacionalista de progresso, inclusive e fortemente material. Do outro lado, encontramos em Morris uma visão marxista do futuro, cuja estrutura é concebida como um processo histórico de emulação sucessiva de estágios intermediários, que acelerado pelos homens pode os conduzir mais rapidamente ao tempo da eliminação do Estado e na convivência harmoniosa das pessoas. A obra subsidia-se numa postura filosófica de total liberdade para o cidadão, não havendo nenhum controle que regimemente suas atitudes, a não ser a sua própria consciência de que para manter o bem-estar é preciso não agir contra seus semelhantes. Há, assim, em Morris uma proposta de sociedade



menos rígida, na qual a liberdade é concebida como resultado da exclusão de qualquer poder constituído. Contudo, o princípio que orienta Morris é em certa medida o mesmo de Bellamy, a criação de uma imagem de possibilidade de alternativas aos sistemas políticos dominantes, mesmo que embasados por compreensões ideológicas distintas e com distintos resultados.

Referências

ABDALA-JUNIOR, Benjamin. “Geocrítica, marcas eurocêntricas e comparatismo literário”. In: _____. **Literatura Comparada e relações comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. Administração da diferença, preservação da hegemonia. **Revista Morus Utopia e Renascimento**. UNICAMP, nº 6, 2009.

BELLAMY, Edward. **Looking backward**. U.S.A.: The Vancouver day press, 2013.

MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

VIEIRA, Fátima. Looking backward e News from nowhere: eucronia e identidade nacional. In: **Cadernos de Literatura Comparada 6/7: Utopias**. Porto: Granito/ Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2002.

_____. “The concept of utopia”. In: **The Cambridge companion to utopian literature**. Cambridge, UK: Cambridge Press, 2010.

VOSSKAMP, Willem. A organização narrativa da imagem e da contra-imagem. Da poética das utopias literárias. **Revista Morus Utopia e Renascimento**. UNICAMP, nº 6, 2009.

